

**(RE) LEITURAS DA AMÉRICA LATINA NO NOVO ROMANCE
HISTÓRICO *VIGÍLIA DO ALMIRANTE***

**(RE) READING LATIN AMERICA IN THE NEW HISTORICAL
NOVEL *VIGÍLIA DO ALMIRANTE***

*Carla Lavorati**

*Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira***

RESUMO: A proposta da pesquisa é refletir como o novo romance histórico *Vigília do Almirante*, de Augusto Roa Bastos, trabalha a narrativa ficcional sob uma nova perspectiva, que relativiza a realidade empírica e questiona a História oficial. E como, por meio dessa (re) leitura dos fatos históricos, tece-se, ao mesmo ritmo, uma nova identidade para o homem latino-americano. Para isso, enfocamos os estudos críticos de Silvano Santiago, Haroldo de Campos e Eduardo Coutinho, que abordam as relações entre culturas pelo viés da diferença, da assimilação e do movimento dialógico.

PALAVRAS CHAVE: identidade, antropofagia, novo romance histórico, América Latina.

ABSTRACT: The research proposal is to reflect how the new historical novel *Vigília do Almirante* from Augusto Roa Bastos fictional narrative works from a new perspective, which relativizes empirical reality and questions the official history. And how, through this (re) reading of historical facts, weaves itself at the same pace, a new identity for the Latin American man. For this, we focused on the critical studies of Silvano Santiago, Haroldo de Campos and Eduardo Coutinho that address the relationships between cultures from the perspective of difference, assimilation and dialogical movement.

KEYWORDS: identity, anthropophagy, new historical novel, Latin America.

* Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Estado do Paraná, Brasil. Autora. Mestranda em Letras. E-mail: carlalavorati@hotmail.com.

** Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Estado do Paraná, Brasil. Orientadora. Professora do Departamento de Letras. Pós-doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.

**(RE) LEITURAS DA AMÉRICA LATINA NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO
VIGÍLIA DO ALMIRANTE**

*Nada mais original, nada mais intrínseco
a si que se alimentar dos outros. É
preciso, porém, digeri-los. O leão é feito
de carneiro assimilado.*

Paul Valéry

1. Rupturas epistemológicas no final do século xx: breves reflexões

No prefácio do livro *As palavras e as Coisas*, Michel Foucault reconhece que sua inspiração surge de um conto de Jorge Luis Borges. “Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento” (1999: 8). Essa afirmação, aparentemente simples, carrega os sinais das profundas mudanças que abalaram o pensamento ocidental, seu modo de entender e organizar o conhecimento. Nela estão contidos os sinais da falência de conceitos que, por muito tempo, agregaram valores às obras produzidas segundo teorias de cunho notadamente eurocêntrico. Em *As palavras e as Coisas* ocorre o movimento inverso nas relações fonte/influência. Michel Foucault, voltando-se à literatura dos países colonizados, inspira-se nela e escreve um livro em torno das reflexões que a leitura lhe suscitou. A ideia da Europa como centro irradiador de influências é rompido. Ou seja, a literatura na América Latina nasce sob o símbolo da

diferença, do novo, devido à postura antropofágica assumida pelos artistas frente à cultura importada.

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos *mestiços*, cuja principal característica é o fato de que a noção de *unidade* sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar a descolonização (SANTIAGO, 2000: 15).

Trata-se de uma postura de ruptura frente às velhas formas utilizadas para entender e significar o/no mundo. Séculos de padrões, conceitos, normas, lógicas interrogadas em sua validade. Estas transformações fazem parte de um questionamento que se espalhou por todas as áreas do saber em movimentos de superação de antigos conceitos. Citamos aqui, como importante ponto de ruptura, os avanços na área da ciência – no início do século XX – após as formulações de Albert Einstein sobre a teoria da relatividade. Deteremos-nos, portanto, mesmo que de modo breve, nas transformações epistemológicas ocorridas posteriormente.

O final do século XX é marcado pela convergência, entre os diferentes campos da cultura e da ciência, de concepções que questionam a lógica do pensamento ocidental. A postura dos teóricos questiona as verdades absolutas e conceitos totalizantes que envolviam as teorias do conhecimento. O método científico, antes compreendido como único caminho para a verdade, foi atacado em suas bases. A ciência não garante mais o conhecimento verdadeiro. As teorias da representação e da linguagem são questionadas no seu estatuto de verdade, a relação entre a arte e o real passa a ser entendida como produto de uma determinada convenção, portanto, constructos culturais.

Declarar a falência de tal método implica a necessidade de substituí-lo por outro em que os elementos esquecidos, negligenciados e abandonados pela crítica policial serão isolados, postos em relevo, em benefício de um novo discurso crítico, o qual por sua vez esquecerá e negligenciará a caça às fontes e às influências e estabelecerá como único valor crítico a diferença (SANTIAGO, 2000: 19).

Podemos falar sobre a ocorrência de um espírito unificador entre as manifestações de cultura, um *zeitgeist*, como sugere Anatol Rosenfeld (1973)

em suas reflexões sobre o romance moderno. O crítico alemão defende a existência de um movimento de interdependência e influência mútua entre a ciência, a arte e a filosofia. Essa postura permite que Anatol Rosenfeld compare o fenômeno de desrealização ocorrido na pintura – quebra com a função mimética da arte vista até então como cópia da realidade empírica – com as rupturas ocorridas no romance moderno, que também passam a negar a função de reproduzir a realidade. “Com isso, espaço e tempo, formas relativas da nossa consciência, mas sempre manipuladas como se fossem absolutas, são por assim dizer denunciadas como relativas e subjetivas” (ROSENFELD, 1973: 81). Ou seja, o espírito da época pode ser compreendido, de modo geral, como a atitude comum a artistas e intelectuais de questionar a ordem estabelecida e criar novos espaços epistemológicos que sirvam como suporte no desenvolvimento das novas perspectivas teóricas. Na epígrafe de Gramatologia, obra de Jacques Derrida, é afirmada a força do etnocentrismo “[...] em vias de se impor no planeta, e que comanda, numa única e mesma ordem” (DERRIDA, 1973: 4).

1. O conceito da escritura num mundo onde a fonetização da escritura deve, ao produzir-se, dissimular sua própria história; 2. A história da metafísica que, apesar de todas as diferenças [...] sempre atribuiu ao logos a origem da verdade em geral [...]; 3. O conceito da ciência ou da cientificidade da ciência – o que sempre foi determinado como lógica – conceito que sempre foi um conceito filosófico, ainda que a prática da ciência nunca tenha cessado, de fato, de contestar o imperialismo do logos, por exemplo, fazendo apelo, desde sempre e cada vez mais à escritura não fonética (DERRIDA, 1973: 4).

O homem não mantém mais uma posição fixa em relação ao mundo, mas, sim, uma posição em face desse mundo, que é posição de sujeito subjetivo. Essa mudança de perspectiva da posição que o homem ocupa diante da realidade, apesar de ocorrer no meio intelectual europeu, lançou um novo olhar para as produções literárias dos países colonizados. Jacques Derrida, Michel Foucault, Roland Barthes foram importantes questionadores de conceitos como: cópia, influência, originalidade e tradição; sendo que essa postura de combate às velhas formas de compreender a realidade exigiram uma reestruturação da teoria literária tradicional. “Os critérios até então inquestionáveis de originalidade e anterioridade são lançados por terra e o valor da contribuição latino-americana passa a residir exatamente na maneira como

ela se apropria das formas literárias europeias e transforma-as, conferindo novo viço” (COUTINHO, 1995: 626). Processo contínuo de afirmações sobre a necessidade de ler nosso tempo com olhares livres do peso e engessamento dos conceitos fechados, da lógica binária dos opostos (centro-periferia), que hierarquiza a literatura, entendendo-a na relação fonte/influência. Ao mesmo tempo, consideramos os teóricos da História como Peter Burke, Michel de Certeau e Hayden White, que, em similitude com teóricos de outras áreas, compreendem que nossas concepções de mundo fazem parte de uma convenção passível, portanto, de (re) posicionamentos.

Hayden White (2008), em sua obra *Meta-História: A imaginação Histórica do século XI*, considerou a historiografia como uma narrativa, que, longe de manter a objetividade, lança-se ao vasto universo das possibilidades, do subjetivismo; e, para isso, utiliza várias estratégias discursivas na sua construção. Em síntese, é defendido que a mente humana, tampouco, a língua, ou a escrita, que é sua manifestação concreta, reflete diretamente a realidade. Com isso, passa a ser questionada a suposta neutralidade da linguagem. A História passa a ser encarada pelo viés do relativismo cultural e os historiadores que seguem esses novos parâmetros defendem que percebemos o mundo através de uma estrutura de esquemas e estereótipos. Nesse sentido, caem por terra as distinções entre o que é central ou periférico na História e, conseqüentemente, a ideia de que a História devia ter como base documentos e registros oficiais e se apoiar, primordialmente, neles, o que a colocava em negligência com outras fontes e a mercê da visão oficial.

2. Novo romance histórico: um novo olhar para as narrativas da América Latina

A relação entre História e ficção no novo romance histórico se estabelece de modo a desconstruir o papel de cientificidade e legitimação que o discurso da História ganhou no romance histórico clássico. Portanto, no novo romance histórico o objetivo é explorar as múltiplas possibilidades de significação dos fatos históricos. São narrativas que optam pela pluralidade discursiva e dão voz à História que foi ignorada, ou mesmo manipulada, pela História oficial. Dessa forma, contribuem para a construção de uma nova identidade nacional, mas agora por meio de uma subversão do discurso dominante em um processo conduzido pelas diferentes releituras que são produzidas.

Esse subgênero surgiu no século XX e ficou conhecido como novo romance histórico, principalmente, pelos estudos desenvolvidos por Seymour

Menton (1993), que identificou seis características recorrentes em diferentes exemplares do subgênero, salientando que nem sempre encontraremos todas essas características, em diálogo, no mesmo romance.

1- La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas [...]. 2- La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos [...]. 3- La ficcionalización de personajes históricos a la diferencia de la fórmula de Walter Scout [...]. 4- La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación [...]. 5- La intertextualidad [...]. 6- Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia [...] (MENTON, 1993: 42-44).

Linda Huchtheon, em sua obra *A poética do pós-modernismo*, estabelece relações entre romance histórico e metaficção historiográfica e assevera que: “A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade do conhecimento histórico” (1991: 142). Podemos aproximar a metaficção historiográfica e o novo romance histórico tanto pela característica de serem textos que têm como base um discurso e/ou acontecimento histórico, quanto pelos questionamentos que ambos fazem a muitas das certezas criadas pelas teorias positivistas das ciências sociais.

Essa nova configuração do romance histórico se desenvolveu muito bem no território da América Latina devido à necessidade que os escritores latino-americanos carregavam de romper com o silêncio imposto por uma colonização forçada. Silêncio esse que excluiu o direito dos dominados de contar sua própria história e, com isso, contribuiu, por muito tempo, com a predominância do discurso dominante, em detrimento de uma História mais abrangente e descentralizada. Notamos, portanto, que o novo romance histórico mantém clara despreensão na busca da verdade histórica, ao passo que questiona o discurso histórico oficial e a validade de seus documentos com base em uma postura crítica que tende a diluir os conhecimentos cristalizados ao longo do tempo. É nesse contexto, de tensionamento do discurso histórico e de novas possibilidades de significações, que autores latino-americanos encontram espaço para trabalhar sob o viés do ex-cêntrico.

A postura do escritor latino americano, que rompe com os discursos canonizados e com os limites impostos pela colonização, tem um cunho no-

tadamente político segundo teóricos como Silviano Santiago e Haroldo de Campos, ao passo que objetivam “minar” as amarras literárias que colocaram as narrativas da América Latina em posição inferior, devedoras dos cânones europeus. Ambos, influenciados pela filosofia desconstrutivista de Jacques Derrida, defendem uma postura de deglutição, desconstrução, diferença.

Daí a necessidade de pensar a *diferença*, o nacionalismo como movimento dialógico da diferença (e não como união platônica da origem e rasoura acomodatória do mesmo): o des-caráter, ao invés do caráter; a ruptura, em lugar do traçado linear; a historiografia como gráfico sísmico da fragmentação eversiva, antes do que como homologação tautológica do homogêneo (CAMPOS, 1992: 237).

A literatura latino-americana vista por esse prisma questiona a posição de devedora, o caráter de literatura secundária que lhe foi atribuído e o que passa a prevalecer é “[...] a relação de semelhança ou continuidade, sempre desvantajosa para o texto segundo, mas o elemento de diferenciação que este último introduz no diálogo intertextual que estabelece com o primeiro” (COUTINHO, 1995: 626).

Já o crítico literário Harold Bloom (2002), em seu livro *Angústia da Influência: uma teoria da poesia*, afirma que a influência provoca mal-estar se ficar resumida a concepções que a entendem como uma relação de superioridade, de poder de um texto sobre o outro, de criatividade inibida. “Esse Deus é a história cultural, os poetas mortos, os constrangimentos de uma tradição que se tornou demasiado rica para precisar de mais alguma coisa” (BLOOM, 2002: 71). Antonio Candido (1976), como Harold Bloom (2002), reconhece que todo escrito se relaciona com os escritos que o precederam.

Para Antonio Candido, portanto, as relações interliterárias que o Brasil e América Latina mantêm, e sempre mantiveram com a Europa, conservam um vínculo permanente de continuidade, em que está prevista a assimilação criativa, a transformação inovadora, mas que nunca rejeita a necessidade de ligação, descartando, portanto, qualquer ideia de ruptura violenta desses laços (BITTENCOURT, 1996: 62).

Harold Bloom encara as relações entre fonte e influência como um processo natural, “Pois o poeta está condenado a aprender seus mais profundos anseios através da consciência de *outros eus*” (2002: 77). Por isso, não

há motivos para resistência ou descontentamento, pois as influências não se encerram no aprisionamento, mas expandem-se para a ideia de ganhas e perdas, de *clínamen* – apropriação poética reiterada por desvios revisionários, que quanto mais perto chega dos textos “fontes” mais distinto se torna deles. Assim, teríamos entre a “passagem” de um texto ao outro o aspecto positivo da recriação. “Quando caí, eu me desviei, conseqüentemente jazo aqui num Inferno melhorado por minha própria criação” (BLOOM, 2002: 94). A questão que inquieta esses teóricos é: o rompimento com a noção de origem e unidade leva a combater as relações de subordinação?

De qualquer maneira, esses teóricos compartilham a ideia de que a literatura e a cultura de um modo geral, dos países que foram colônias, ganham visibilidade no panorama mundial pelo símbolo da diferença. Para Silviano Santiago:

A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode tampouco reencontrar sua condição de “paraíso”, de isolamento e de inocência, constata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia – silêncio –, uma cópia muitas vezes fora da moda, por causa desse retrocesso imperceptível no tempo, de que fala Lévi Strauss (2000: 16).

O novo romance histórico entra em consonância com os discursos da filosofia desconstrucionista ao passo que, para causar rupturas nas verdades estabelecidas, desmistifica o discurso da História, e, assim, dismantela a visão proposta pela História oficial em uma série de possibilidades que busca imprimir o estatuto de construção discursiva do texto, sendo ele ficcional ou não. Abre-se espaço dentro da obra para a discussão sobre a subjetividade da linguagem e sobre os próprios processos de construção narrativa da obra.

Portanto, encontramos não mais um texto unificador que carrega conceitos totalizantes, mas narrativas que dialogam com outras obras e formam-se diante dos jogos da linguagem.

Julia Kristeva diz que a intertextualidade é a “[...] transposição de um ou vários sistemas de signos num outro” (KRISTIEVA *apud* NITRINI, 2000:

163) para definir os romances modernos em que o texto se constrói em um emaranhado com outros textos que o precederam. Seus estudos foram realizados com base em reflexões de Mikail Bakhtin (1970) – *La poétique de Dostoievski* – sobre o dialogismo. Ou seja, nessa afirmação está contida a ideia de que as influências não são passivas, mas se constroem em embate com o outro, em um movimento de ruptura com as hierarquias.

Jorge Luis Borges (1974), em *Kafka e seus precursores*, promove uma inversão na ideia de tradição sugerindo a hipótese de que quando uma grande obra surge, modifica toda a tradição que lhe é anterior. “[Kafka] ele observa que uma obra forte nos obriga a uma releitura de todo passado histórico, onde passaremos a encontrar não as fontes daquele novo autor, mas obras que se tornam legíveis e interessantes porque existe esse autor moderno; obras que passam a ser, então, ‘precuroras’ dessa nova obra” (PERRONE-MOISÉS, 1990: 95).

Portanto, nesta análise do romance *Vigília do Almirante*, a proposta é observar como algumas das principais características do novo romance histórico são trabalhadas na narrativa de Augusto Roa Bastos e como a ruptura com conceitos como influência, representação e verdade contribuiu para a construção de uma nova identidade nacional.

3. A (re) escritura da história no romance *Vigília do Almirante*

O romance *Vigília do Almirante*, do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, (re)conta a história do personagem histórico Cristóvão Colombo e de suas navegações em busca de novas terras. Apesar de não ser mencionado em nenhum momento da narrativa o nome de Cristóvão Colombo, relacionado ao do Almirante, reconhecemos a ligação entre eles. *Vigília do Almirante* foi publicado em 1992, ano de comemoração dos 500 anos de descobrimento da América, e é declaradamente um romance histórico problematizador que emprega estratégias narrativas desconstrucionistas como paródia, carnavalesação e polifonia. Portanto, um romance que pretende contar uma história já contada, mas agora na versão daqueles que foram marginalizados, que tiveram que conquistar o seu direito à voz para ocupar uma nova posição frente à exploração a que eram vítimas.

A metalinguagem, aliada à intertextualidade que remete às escritas autográficas de Colombo, elucida o processo de construção textual empreendida pela ficção. Ao desautorizar essas escrituras, tidas como documentos oficiais ou referenciais,

o narrador, em sua configuração de autor implícito, tece também severos juízos sobre o Almirante e sua empresa de descobrimento/encobrimento, cujo alcance atinge a contemporaneidade (FLECK, 2008: 205-206).

A descrição do navio encalhado em águas lodosas, que abre o primeiro capítulo, anuncia o caráter de desconstrução dos relatos oficiais que permeará todo o desenrolar da narrativa: “O mar quase não se move sob o pesado mar de ervas. Nem um fiapo de vento e as naus à deriva há três dias, varadas no escuro colchão de vegetais se decompondo” (BASTOS, 2003: 13). O Almirante, nesta cena, encontra-se em situações difíceis; sua tripulação está revoltada com os insucessos da navegação e sua nau está encalhada, ou seja, a narração caminha para a construção de novas possibilidades de interpretação, tanto dos acontecimentos referentes ao descobrimento, quanto de seu representante maior Cristóvão Colombo, que é desmistificado de forma recorrente: “O Almirante tem a aparência de um condenado à morte” (BASTOS, 2003: 148). A personalidade desbravadora, corajosa e forte que constrói o mito Colombo é trocada por visões que o mostram como homem comum, sujeito a falhas, indecisões, fraquezas e sofrimento.

Não é só a rebelião de seus homens que o preocupa, os mil misteres menores a que tem que fazer frente com astúcia e coragem. Já está acostumado com isso. O que o aflige agora é a própria encruzilhada na qual ele mesmo se colocou diante da empresa descobridora, pela qual os Reis e o Pontífice o encheram de mercês e distinções superiores às de um príncipe. Fecha os olhos e o brilho irreal dos telhados de ouro das Casas Reais, cujas descrições já leu umas mil vezes, faz latejar suas têmporas. A visão mitiga em parte sua ansiedade, a consciência culpada de sacrilégio e falsidade, a que deve esta viagem (BASTOS, 2003: 187).

No decorrer do romance, são expostas diferentes versões sobre o descobrimento, que está baseado tanto em registros oficiais, como o diário de Cristóvão Colombo, quanto em relatos orais, a exemplo dos relatos do piloto Sánches de Huelva, que, supostamente, teria indicado, momentos antes de morrer, a rota que levaria corretamente o Almirante às novas terras. A história é tecida na imbricação de vozes negando, portanto, a visão monológica dos registros oficiais que contavam apenas com a visão dos colonizadores. Dessa forma, as ações dos “descobridores” podem ser recontadas a partir de novas perspectivas.

A identidade do Piloto, ou, antes, os confusos dados desta identidade fantasmal, começaram a ser ‘desvelados’ tardiamente. O primeiro a fazê-lo foi o Inca Garcilaso, mais de um século depois do Descobrimento. Na primeira parte de seus *Comentarios Reales*, a lenda do Piloto desconhecido, não negada como lenda pelo grande cronista, toma forma, nome e nacionalidade: os do navegador Alonso Sánchez, de Huelva. A lenda se torna de certo modo história para o Inca (BASTOS, 2003: 59).

Temos, portanto, um romance em que fatos e personagens históricos importantes são representados de forma problematizada, que retoma o fato e/ou personagem a partir de suas complexidades, das lacunas e das omissões da história. O próprio autor declara no prefácio: “Este é um relato de ficção impura, ou mista, oscilante entre a realidade da fábula e a fábula da história. Sua visão e cosmovisão são as de um mestiço de ‘dois mundos’, de duas histórias que se contradizem e se negam” (BASTOS, 2003: 9). É, pois, uma narrativa que explora os limites da própria linguagem e da sua suposta objetividade ao voltar-se para discussões sobre seu próprio processo de construção da narrativa.

Na parte XXVII, intitulada “Conta o Almirante”, está presente a seguinte declaração. “Minha pena se trava a cada traço quando se afasta de descrever o que vejo e conheço da dura realidade, que é sempre indescritível” (BASTOS, 2003: 164). O almirante, narrador de parte do romance, deixa claro que a linguagem não dá conta de descrever com fidelidade a realidade, as emoções, os sentimentos, pois seu caráter simbólico se estabelece no jogo das relações entre significados, que se dá tanto no nível da criação quanto no da recepção. Por isso, a dificuldade em encontrar palavras que descrevam com exatidão o que queremos.

O dominicano Las Casas e meu filho Hernando reescreverão a seu modo todos esses papéis borrados de suor e de mar. Colocarão neles coisas que não aconteceram ou que aconteceram de outra maneira, muitas outras que não conheço, e a maioria delas só para me indispor com meus amigos portugueses, inimizar-me com os Soberanos, que me outorgaram sua mais plena confiança, e macular minha reputação e prestígio de primeiro descobridor das Yndias (BASTOS, 2003: 164-165).

São várias vozes que assumem a função de narrador. O Almirante narra parte da obra. Depois temos a presença de um possível historiador que

emite posicionamentos sobre o fazer histórico, os quais se aproximam das concepções propostas pela Nova História; além do narrador-testemunha que teria chegado às terras do novo mundo antes de Colombo. Portanto, em diversas partes do livro é possível encontrar discussões sobre conceitos próprios da história e da ficção, direcionadas para dismantelar os discursos oficiais, o traçado linear e cronológico da narrativa tradicional e as ilusões de imparcialidade e legitimidade que esses elementos oferecem.

O historiador científico sempre deve falar de outro e em terceira pessoa. O eu lhe é proibido. Os historiadores são de fato “restauradores” de fatos. A partir de documentos reais, fabricam a ficção de teorias interpretativas semelhantes às “histórias” e os diagnósticos clínicos sobre a mente humana. E são menos caóticos e indecifráveis os fatos, chamados “históricos”, que os inescrutáveis labirintos da mente? (BASTOS, 2003: 61).

No capítulo IX – “O piloto desconhecido existiu?” –, a voz narrativa do Almirante cede lugar ao narrador historiador, que apresenta reflexões e revisões sobre as diferentes maneiras com que um discurso historiográfico ou ficcionista pode ser construído. Ambos, historiador e ficcionista, utilizando a mesma ferramenta que é a palavra, “[...] só diferem nos princípios e nos métodos. As primeiras procuram instaurar a ordem, anular a anarquia, abolir o acaso no passado, armar quebra-cabeças perfeitos, sem hiatos, sem fissuras...”; enquanto as outras se limitam a “escolher os símbolos que lhes convêm para tornar verossímil a representação fingida da realidade Sua linguagem é, pois, simbólica, não descritiva. A partir de fatos míticos, fabricam alegorias” (BASTOS, 2003: 61).

Assim, na parte em que entra em ação o narrador historiador, ocorre a problematização do passado. Isso fica claro nos questionamentos do narrador acerca do piloto desconhecido.

Não desanimei. Voltei aos cronistas clássicos. Reli quase tudo que já escrevera sobre o Piloto. Efetivamente, cercam-no e o desamparam por todo lado atos de fé, de má fé, dúvidas, incertezas, contradições absurdas, negações mal-humoradas, documentos que desdizem uns aos outros; mas também asserções, testemunhos claríssimos, verificam que o protonauta anônimo não foi um personagem fictício e que realmente existiu, talvez com mais força que o próprio Almirante, como provam os cronistas (BASTOS, 2003: 55-56)

Nesse sentido, é questionado o que é tido como verdadeiro e o que é encarado como ficcional nas ações de Colombo. A narrativa vai estabelecer outros momentos de intertextualidade com obras como *Don Quijote* e *Fuente Ovejuna*.

Seu maior desejo é escrever com os feitos marítimos um livro semelhante ao *Quixote*, como a epopéia suprema da luta entre o bem e o mal. Intriga-o como o conceberá e escreverá seu autor um século depois. Conta com o respaldo de numerosos e falsificados Cides Hametes Benengelis. Este Quixote não é honrado como o Outro. Derruba moinhos de vento em nome e por conta de outros. Esqueceu sua antiga paixão pelos cavaleiros andantes e pelos Cavaleiros Navegantes. Na juventude, quando vendia livros de estampas de vários Amadises e Palmerines, de Marco pólos, de cardeais e papas cosmógrafos, entre viagem e viagem, em sua imaginação confundia as histórias, os personagens e os fatos, os cenários e os tempos de feitos memoráveis (BASTOS, 2003: 152).

Nesse caso, é perceptível o espaço aberto nesse romance histórico para o diálogo com culturas consideradas, até então, periféricas, para as vozes ignoradas à margem da sociedade. A tradição oral comum aos povos nativos será restituída de seu valor, em um movimento que busca a legitimidade na expressão do povo colonizado, do homem oprimido. Segundo Fleck (2008), a resistência pela língua constitui tema importante em *Vigília do Almirante*, ao passo que a dominação cultural perpassa pela imposição da língua, portanto, a tradição escrita dos europeus suprimiu a cultura oral dos povos nativos, relegando-os à condição de marginalizados.

Não devemos considerar, contudo, que as imposições culturais e econômicas se deram de maneira passiva. É lógico que se trata de um processo onde entra em jogo a criação de vários redutos de resistência que, por sua vez, possibilitam aos povos oprimidos manter vivos elementos de sua tradição. “O primeiro passo de uma conquista – diz Meliá – é a ocupação de um território. Seu último passo, o definitivo, dá-se quando a língua de um povo foi ocupada” (BASTOS, 2003: 260). Por isso,

O resultado desse processo paródico e carnavalizado de escritura dos eventos protagonizados por Colombo é o rompimento das imagens heróico-míticas do marinheiro, além do estabelecimento de novas concepções sobre os registros do passado. As formas de leitura crítica desse passado pelo discurso ficcional,

propostas tanto pelo novo romance histórico como pelas metaficcões historiográficas e pelos romances históricos contemporâneos de mediação, sob as quais as ações de Colombo têm sido recriadas no universo hispano-americano desde a década de 70 do século passado, instituíram um conjunto de obras nas quais uma série de recursos desconstrucionistas constitui a tônica do processo de leitura do passado pelo romance (BASTOS, 2003: 220).

Para concluir as reflexões sobre o romance, proponho um retorno ao começo, as primeiras marcas textuais que nos saltam aos olhos, o título. A palavra vigília escolhida pelo autor para figurar na capa do livro assume característica metafórica e, por isso, encontramos nela várias possibilidades de sentido. A vigília tanto pode estar relacionada ao comum “permanecer em estado de alerta”, “estar consciente de”, quanto, também, se dilatar suas camadas de significação, ao sentido de Vigília Pascal ou Grande Vigília, que é a celebração oficial cristã da ressurreição de Jesus, onde comumente são batizados os adultos. A vigília do almirante, como a Vigília Pascal, também carrega o impulso catequizador e doutrinário, já que as conquistas de Colombo têm relação direta com os interesses da igreja de expandir sua área de influência, por isso, nas caravelas de Colombo não faltavam jesuítas obstinados a ajudar na conquista e na evangelização dos povos nativos.

Em *Vigília do Almirante*, quem renasce é Cristóvão Colombo e os registros oficiais de suas conquistas, só que agora sob o símbolo da diferença, na esteira do conceito de antropofagia proposta por Oswald de Andrade, que diz: “Queremos a revolução Caraíba. [...] Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem” (ANDRADE, 1928: 3). Esse movimento de romper com as imagens cristalizadas produzidas pela História tradicional e assumir uma postura ativa, questionadora dos acontecimentos, faz parte da recriação da própria identidade do homem latino-americano, que passa a ganhar voz e espaço para figurar como personagem principal de sua história. A “imagem invertida” do Colombo “oficial” e da empresa descobridora criada em *Vigília do Almirante* é um exemplo das múltiplas possibilidades de a literatura rever a História e contribuir para o desmascaramento das impossibilidades de a linguagem representar objetivamente a realidade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*, ano 1, n. 1, mai. 1928.

- BAKHTINE, Mikhail. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.
- BASTOS, Augusto Roa. *Vigília do Almirante*. Primeiro de Maio, PR: Mirabilia, 2003.
- BITTENCOURT, G. N. S. Relações interliterárias: Brasil/ América Latina/ Europa. In: _____ (Org.). *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996. v. 1.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- COUTINHO, Eduardo F. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico crítico latino-americano? In: 2º CONGRESSO ABRALIC, Belo Horizonte, 1990. *Anais...* Belo Horizonte: Abralic, v. 2, p. 621-633, 1995.
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- FLECK, Gilmei F. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. Assis, 2008. (Tese de doutorado).
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENTON, Seymour. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*: ensaios. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

WHITE, Hayden. *Meta-história*: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008.

Recebido em fevereiro 2012

Aceito em abril 2012